



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com José Zanrosso FG172

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.001. SIN-TRA

Entrevistado/a: José Zanrosso

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 23 de maio de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Origem familiar: filho dos imigrantes Ernesto Zanrosso e Ema Bálico Zanrosso.

Imigração: o período da viagem e o auxílio da família Eberle; o estabelecimento na terra e as primeiras atividades (olaria, agricultura), a compra da colônia.

Agricultura familiar (subsistência): as culturas e o trabalho na roça.

Culinária: *colacion* e *merendim*.

Religiosidade familiar.

Festa de Santa Teresa: a participação e a vinda para a cidade.

Relacionamento entre as famílias e a solidariedade.

Viticultura (Nossa Senhora da Saúde): cultivo e vindima.

Transcrição:

Sônia: O seu nome completo?

José: José Zanrosso.

Sônia: Sua idade, seu José.

José: Sessenta anos.

Sônia: O senhor nasceu em que dia?

José: Primeiro de agosto de [19]34.

Sônia: De [19]34. Seu José, o nome dos seus pais?

José: Ernesto Zanrosso e Ema Bálico Zanrosso, claro.

Sônia: Seu José, os seus pais, os seus avós alguma vez comentaram com o senhor porque eles vieram da Itália?

José: Sim, eles vieram por causa da guerra. A última guerra, então, eles pediram pra vir, porque já tinham vindo outros conhecidos de lá, da Itália, lá. Então, eles vieram por intermédio dos Eberle, que eles eram primos do Eberle, né? O meu nono era primo.

Sônia: Ah, primo da família Eberle.

José: Então, eles mandaram uma carta pra lá, que se eles quisessem vir pra cá que... que aqui tinha lugar, né?

Sônia: E eles vieram mais ou menos em que ano?

José: Ah...de mil e oitocentos...em torno de [18]90.

Sônia: Em torno de 1890?

José: É, por ali.

Sônia: Então, seria a guerra de unificação lá na Itália.

José: Da última guerra que eles conseguiram vir.

Sônia: E seu José, eles comentaram alguma coisa com o senhor de quando eles chegaram aqui?

Qual impressão que eles tiveram da terra?

José: Aqui?

Sônia: É.

José: Bom, em primeiro lugar eles eram bem pobres, porque vieram só com a roupa, mas eles se colocaram aqui no De Antoni, na casinha, que era a chácara dos Eberle. Então, o Eberle emprestou a casinha pra eles morar [sic]. Quatro meses ali depois eles passaram para Flores da Cunha, São João. Mas a impressão era... o negócio deles era o trabalho. Eles trabalharam o primeiro tempo ali, esses quatro meses só para a comida.

Sônia: Então eles trabalharam como empregados da família Eberle?

José: Não, ali não era mais do Eberle, era na olaria de tijolos, que eles foram trabalhar, negócio de barro, fazer massa de barro a pé, com os pés, não tinha máquinas naquela época.

Sônia: E lá na Itália eles eram agricultores?

José: Sim, eram.

Sônia: E chegaram aqui, eles não ganharam logo a terra?

José: Não, não ganharam terra nenhuma do governo.

Sônia: Eles não ganharam?

José: Não. Depois conseguiram comprar.

Sônia: E como é que eles foram conseguindo comprar essa terra?

José: Bom, eles começaram... Tu vê que eles tiveram muito benefício, né? Então um amigo morava lá na Itália já tinha vindo pra cá. A família Zamboni, que é uma família grande, então ofereceu uma casa, bem dizer era uma estrebaria, pra colocar a nossa família, que depois daqui perto do Evaristo de Antoni, eles moravam ali, eles conseguiram então, aquela estrebaria, se colocar lá. E esse Zamboni ajudou, emprestou as sementes e as ferramentas pra eles, eles não tinham as ferramentas, né? E aí começaram então. O Zamboni tinha bastante terra e alugou uma parte de terra, assim, pra eles plantarem milho, feijão e... trigo, né? E foram, em dois anos eles conseguiram arrumar dois contos de réis. Depois, então, com dois contos de réis nos bolsos, eles achavam que tinha que ir mais longe. Eles tinham que comprar terra, não ficar lá, e vieram aqui na Saúde [hoje Bairro Nossa Senhora da Saúde], eram os Piccoli. Então os Piccoli souberam que eles queriam ir pra Santa Catarina e vendiam a terra ali. Aí o meu nono mandou os dois filhos mais velhos, que era o pai e um tio, lá num tal de... ali em São Luís... Smiderle, que os Smiderle tinham dinheiro, tinham vindo uns oito anos antes, e aquela família tinha dinheiro. Então, o nono [e os Smiderle] se conheciam lá na Itália. É, vieram ali os dois irmãos e disseram: “O meu pai me mandou ver se tem dinheiro pra emprestar pra nós comprarmos a terra ali”, “Ah, sim, mas diz pro teu pai vir ele pra baixo, né?”. Porque os guris eram novos, quatorze, quinze anos. Imagina! E o negócio era grande. Tinha que emprestar quatorze contos de réis e dois eles tinham, pagaram dezesseis. Mas compraram quase sessenta hectares de terra. Aí eles aqui compraram e acharam tudo: carreta, mula e vaquinha de leite, e os outros foram pra Santa Catarina, os Piccoli, essa família que vendeu. Ali se foi, a italianada ali, mas nossa! Tinham tudo na mão! Eles queriam era terra pra trabalhar! Aí começaram e até hoje nós temos... se nós temos, não sei a pergunta que vem, mas se nós temos terras hoje é graças a quem? Ao *nonno*, aos tios, àquela família, porque quem comprou as terras foram eles e nós temos trabalhado.

Sônia: Nas terras que eles compraram?

José: Nas terras deles. Nós não conseguimos mais comprar terra. Hoje em dia é difícil, porque as terras aqui são caras, e também não se acha fácil de comprar.

Sônia: E seu José, que produtos vocês plantavam?

José: Bom, no tempo da gurizada, quando se era novo, era junto com os velhos, né? Era na base do milho, feijão, trigo pro gasto, sempre.

Sônia: E vocês iam ao lado do nono?

José: Sempre com a enxadinha mais pequena, os cabinhos mais curtos e tal. E fogo! Junto, desde os sete, oito anos, era parelho.

Sônia: As crianças, então, começavam a trabalhar cedo?

José: É. Nós começamos a estudar com nove anos. No meu caso eu estudei pouco né, porque eu fiquei só dois anos e pouco na aula, e depois só no trabalho da roça.

Sônia: Ia mulher, ia todo mundo?

José: Ia todo mundo parelho.

Sônia: E quem é que ficava em casa?

José: Ah, mais a nona ou uma mulher, alguma que tinha algum nenê. Claro, a família sempre crescia todos os anos, depois de casados daí, então sim, ia os mais grandes.

Sônia: E vocês iam de manhã e começavam a trabalhar mais ou menos a que hora?

José: Ah, no tempo que..., depois nós éramos já grandinhos de quinze, dezesseis, dezessete anos, às seis horas, antes de clarear o dia, nós já estávamos indo pro trabalho.

Sônia: E como é que era o trabalho, assim, o dia todo lá?

José: Depois das oito, então nós começávamos cedo, quando era oito e pouco vinha a tal de *colacion*, que era o tal de café, fosse dizer, uma polenta ou algum ovo.

Sônia: E ficavam até à noite?

José: E depois, ao meio dia, vinha a comida também, porque na colônia não se podia perder tempo. Lá era trabalho e trabalho.

Sônia: Daí então eles mandavam, tinha alguém que levava a comida pra vocês na roça?

José: Claro, claro. Vinham com uma cesta, então vinha a comida do meio-dia. Depois tinha o *merendim*, que era de tarde, às quatro horas. Isto no verão, porque no inverno não. No verão, como se trabalhava muito, sim. Depois se ia pra casa de noite e ainda rezando morro acima ou abaixo, pra baixo a pé. As terras eram pouco longinho e se rezava. Eu estava contando ontem, “Olha, a essa hora aqui tinha o sol”, eu disse para os guris, para os filhos, digo: “A essa hora nós

encostávamos as carretas nos montes”, então se faziam os montes de milho na roça e se ia pra casa de noite. Chegava em casa, tratava os animais, se tratava. Depois nós íamos pra janta e depois da janta se ia limpar o milho e ainda se rezava o terço todas as vezes que se ia lá pro milho, senão, se rezava em casa, o terço, à noite, né?

Sônia: E assim, seu José, como é que era o contato que vocês tinham com a cidade? Vocês vinham pra cidade?

José: Poucas vezes.

Sônia: Poucas vezes.

José: Só quando tinha festa aqui na Catedral.

Sônia: A Festa de Santa Tereza?

José: Sim, porque nós pertencíamos à Catedral, claro, naquela época, né? Padres tinha poucos e era mais no centro. Ah era uma festa! Pra nós guri..., quando éramos meio novos assim, de dez, doze anos, era uma festa! Nós vínhamos pra cidade conhecer a cidade, de chinelo, não tínhamos sapato.

Sônia: De chinelo? E daí, vocês ficavam o dia todo?

José: Não, não. Nós vínhamos cedo. Imagina! Nós se arrancávamos de lá ainda era escuro de manhã, se era de manhã. Se era de tarde, ao meio dia nós partíamos de lá e vínhamos. Depois antes da noite tinha que voltar, né?

Sônia: E vocês vinham a cavalo?

José: Não, a pé.

Sônia: A pé?

José: Só os velhos vinham a cavalo. Tinham duas mulas, então para o pai e a outra para a mãe, e nós era a pesito. Barbaridade!

Sônia: E quantos quilômetros dava, mais ou menos?

José: Ah, dava sete, seis e meio, sete quilômetros.

Sônia: E seu José, e a ajuda entre os vizinhos, entre as famílias, como é que se dava?

José: Ah...

Sônia: O relacionamento?

José: Ah, sempre os vizinhos tinham que se dar bem sempre. Então, quando que faltava um pão em casa, ia lá na tia ou num outro vizinho, que não fosse também parente, mas era vizinho, pegava emprestado e depois se rendia no dia seguinte, ou no outro. Não tinha problema.

Sônia: E assim, no trabalho também tinha essa ajuda?

José: No caso, depois então, quando começamos a ter muitas parreiras e nós precisávamos de gente de fora pra ajudar. Então, eram os vizinhos, a família maior que tinha ali por perto, que eles não tinham muito serviço, vinham dar uma mão, dois ou três dias já chegava.

Sônia: E depois vocês retribuíam?

José: Também retribuíamos. Mas a maior parte, nós no caso, a família, nós tínhamos bastante parreiras plantadas, todos anos plantava e continuavam a plantar. Plantávamos mais, continuamos a plantar por mais de vinte e cinco anos parreiras, entre mudar, renovar os velhos, tirar aquelas madeiras de antigamente e puxar os arames e plantar, parte com enxerto, enxertava também dentro dos parreirais, continuamos mais de vinte e cinco anos. Então era por ali as coisas. Trabalho!

Sônia: Trabalho e trabalho.

José: Era bom trabalhar, mais do que hoje. Hoje não, quem passa fome hoje, é porque não trabalha. Quem trabalha tem comida. Nas famílias os que trabalham estão bem. Agora, aqueles que não querem trabalhar, eu acredito que..., não tenham muito...

Transcrição em: agosto de 1995.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 23 de dezembro de 2010, 03 de janeiro e 03 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 15 minutos.

Observação: